



ANTHONY A. HOEKEMA

CRIDADOS À IMAGEM DE DEUS

3ª edição

Qual é a relevância de uma antropologia cristã para a nossa vida diária?
Como a concepção cristã do homem nos ajuda a melhor enfrentar os problemas urgentes do mundo de hoje?



Criados à imagem de Deus © 1999, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título *Created in God's image*, Anthony Hoekema © 1986 por Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 2140 Oak Industrial Drive N.E., Grand Rapids, Michigan 49505. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 1999 – 3.000 exemplares

2ª edição 2010 – 3.000 exemplares

3ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (Presidente)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Heber Carlos de Campos
Revisão
Wendell Lessa
Marcos Leonardo Paixão da Silva
Editoração
Eline Alves Martins
Capa
OM Designers Gráficos

H6937c

Hoekema, Anthony

Criados à imagem de Deus / Anthony Hoekema; traduzido por
Heber Carlos de Campos . _ São Paulo: Cultura Cristã, 3ª ed., 2018
288 p.: 16x23cm

Tradução Created in God's image

ISBN 978-85-7622-722-9

1. Antropologia 2. Doutrina 3. Redenção I. Título

CDD 230

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 • CEP 01540-040 • São Paulo, SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 • Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br • cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

CAPÍTULO 2

O homem como uma pessoa criada

Uma das pressuposições básicas da concepção cristã do homem é a fé em Deus como criador, que conduz à compreensão de que a pessoa humana não existe autônoma ou independentemente, mas como uma criatura de Deus. “No princípio, criou Deus os céus e a terra... Criou Deus, pois, o homem” (Gn 1.1,27).

Uma implicação óbvia do fato da criação é que toda a realidade criada é completamente dependente de Deus. Werner Foerster expressa isso do seguinte modo: “Portanto, em vir a ser, existir e perecer, toda a criação é inteiramente dependente da vontade do Criador”.¹

As Escrituras dizem claramente que todas as coisas criadas e todos os seres criados são totalmente dependentes de Deus. “Só tu és SENHOR, tu fizeste o céu, o céu dos céus, e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora” (Ne 9.6). Na afirmação de que Deus preserva todas as suas criaturas, incluindo os seres humanos, está implícito que eles são dependentes dele para a continuação da sua existência. Em seu discurso aos atenienses, Paulo afirma que Deus “é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais” e que “nele vivemos, nos movemos, e existimos” (At 17.25,28). Paulo está dizendo que devemos nossa respiração a Deus; que existimos somente nele; em cada movimento que fazemos estamos na dependência dele. Não podemos levantar um dedo à parte da vontade de Deus.

O homem, contudo, não é somente uma criatura; é também uma pessoa. Ser uma pessoa significa ter alguma forma de independência – não abso-

1. “*Kitzō*”, TDNT, 3:1011.

luta, mas relativa. Ser uma pessoa significa ser capaz de tomar decisões, de estabelecer objetivos e ser capaz de perseguir esses objetivos. Significa possuir liberdade² – ao menos no sentido de ser capaz de fazer as suas próprias escolhas. O ser humano não é um robô cuja conduta é totalmente determinada por forças exteriores a ele; ele tem o poder de autodeterminação e de autodireção. Ser uma pessoa significa, para usar a expressão pitoresca de Leonard Verduin, ser uma “criatura de opção”.³

Em resumo, o ser humano é igualmente uma criatura e uma pessoa; é uma *pessoa criada*. Este é, pois, o mistério fundamental do homem: como pode o ser humano ser igualmente uma criatura e uma pessoa? Ser uma criatura, como já vimos, significa dependência absoluta de Deus; ser uma pessoa significa independência relativa. Ser uma criatura significa que não posso mover um dedo ou pronunciar uma palavra à parte de Deus; ser uma pessoa significa que, quando meus dedos são movidos, eu os movo e que, quando as palavras são pronunciadas por meus lábios, eu as pronuncio. Sermos criaturas significa que Deus é o oleiro e nós, o barro (Rm 9.21); sermos pessoas significa que nós mesmos é que moldamos nossa vida pelas nossas próprias decisões (Gl 6.7,8).

Este é, como eu o chamei, o mistério fundamental do homem porque, para nós, é insondavelmente misterioso que o homem possa ser igualmente uma criatura e uma pessoa. Dependência e liberdade são conceitos aparentemente incompatíveis para nós. Não duvidamos de que uma criança seja completamente dependente de seus pais na infância, mas observamos que, à medida que essa criança cresce, ela vai adquirindo maior liberdade e maturidade e se torna menos dependente de seus pais. Compreendemos esse processo. Mas como havemos de conceber um relacionamento em que coexistam dependência completa de Deus e liberdade pessoal para tomar nossas próprias decisões?

Embora não possamos compreender racionalmente como é possível que o ser humano seja igualmente uma criatura e uma pessoa, não podemos pensar de outro modo. Negar qualquer lado desse paradoxo significa não fazer justiça à descrição bíblica. A Bíblia ensina a condição de criatura bem como a individualidade pessoal do homem. Algumas vezes, ela se dirige ao ser humano como uma criatura: por exemplo, quando ela fala de Deus como o oleiro e do homem como o barro (Rm 9.21). Mais frequentemente, contudo, ela se dirige ao homem como uma pessoa: “Escolhei, hoje, a

2. No Capítulo 12 será dito mais sobre o significado do conceito de liberdade quando aplicado aos seres humanos.

3. Verduin desenvolve extensivamente esse pensamento no Capítulo 5 de seu livro *Somewhat less than God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970).

quem sirvais” (Js 24.15); “Em nome de Cristo, pois, vos rogamos que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5.20).

Nossa compreensão teológica do homem deve, portanto, manter em foco essas duas verdades de maneira muito clara. Todas as antropologias seculares falham em não considerar o ser humano como criatura, apresentando, em função disso, uma visão distorcida do homem. Qualquer concepção do ser humano incapaz de vê-lo como fundamentalmente relacionado com Deus, totalmente dependente dele e primariamente responsável perante ele, carece da verdade. Por outro lado, todas as antropologias deterministas, que descrevem os seres humanos como se fossem marionetes ou robôs, mostrando Deus puxando as cordinhas ou apertando os botões, deixam de fazer justiça à individualidade pessoal do homem, apresentando, também, uma visão distorcida do homem. Robert D. Brinsmead expôs este ponto muito bem:

Ser criatura e ser pessoa são aspectos do ser humano que devem ser mantidos juntos e em tensão. Quando a Teologia acentua o aspecto criatura e subordina o aspecto da pessoalidade, vem à tona um determinismo inflexível e o homem é desumanizado... Quando o ser pessoa é enfatizado à exclusão do ser criatura, o homem é deificado e a soberania de Deus é comprometida. O Senhor é abandonado nos bastidores, como se o homem tivesse o poder de vetar os planos e os propósitos de Deus.⁴

O fato de que o homem é uma pessoa criada tem implicações para outros aspectos de nossa teologia. Primeira, que luz este conceito lança sobre a questão da origem do pecado? Embora reconhecendo que a razão pela qual o homem pecou permanecerá sempre um mistério insondável, será preciso dizer que o homem pôde cair em pecado exatamente porque ele era uma pessoa, capaz de fazer escolhas – até mesmo escolhas que fossem contrárias à vontade de Deus. Todavia, será preciso acrescentar que, mesmo ao pecar, o ser humano permanece uma criatura, dependente de Deus. Deus, por assim dizer, teve de proporcionar ao homem a força com a qual ele pecou; a magnitude do pecado do homem consiste no fato de ele ter usado os poderes dados por Deus para o serviço de Satanás. Porque nossos primeiros pais caíram em pecado como pessoas criadas, falamos da “vontade permissiva” de Deus com respeito ao primeiro pecado do homem; além disso, afirmamos que esse primeiro pecado não veio como uma surpresa para Deus, apesar de ele ter considerado aqueles que cometeram esse pecado como totalmente responsáveis pelo mesmo.

4. “Man as Creature and Person”, *Verdict* (Agosto, 1978): p.21,22.

Segunda, que luz o conceito do ser humano como pessoa criada lança sobre a maneira como Deus redime o homem? Após ter caído em pecado (por sua própria falta), o homem, pelo fato de ser uma criatura, só pode ser redimido do pecado e resgatado de seu estado caído mediante a intervenção soberana de Deus em seu favor. Visto que é uma criatura, o homem pode ser salvo somente pela graça – isto é, em absoluta dependência da misericórdia de Deus. Mas o fato de que o homem é também uma pessoa faz com que ele tenha uma parte importante a cumprir no processo de sua redenção. O homem não é salvo como um robô, cujas atividades foram programadas por algum computador celestial, mas como uma pessoa. Portanto, os seres humanos têm uma responsabilidade no processo de sua salvação. Eles precisam decidir-se livremente, na força do Espírito Santo, se arrependem de seus pecados e crerem em Jesus Cristo. Eles não podem ser salvos à parte de tais escolhas pessoais (embora devam ser feitas exceções para casos nos quais os indivíduos envolvidos não sejam capazes de tomar decisões pessoais). Depois que uma pessoa faz tal escolha, ela deve continuar a viver em comunhão com Deus e na obediência da fé. O fato de que nós só podemos viver desse modo mediante a força que Deus nos dá não exclui nossa responsabilidade de viver dessa forma.

Como uma ilustração deste tópico, consideremos como a regeneração está relacionada à fé. A regeneração pode ser definida como aquele ato do Espírito Santo, que não deve ser separado da pregação da Palavra, por meio do qual ele primeiramente coloca uma pessoa em união viva com Cristo e muda seu coração de tal forma que quem estava espiritualmente morto torna-se espiritualmente vivo. Uma mudança tão radical assim não pode ser obra do homem, mas deve necessariamente ser obra de Deus. Os que são regenerados são descritos como aqueles que “não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.13). Além disso, à parte da regeneração, o homem está espiritualmente morto (Ef 2.5), e uma pessoa morta não pode vivificar-se a si mesma. Visto que o homem por si mesmo caiu no estado de mortalidade espiritual e que, além disso, é uma criatura, só pode receber nova vida por meio de um ato miraculoso de Deus – tão miraculoso que Paulo chama uma pessoa regenerada pelo Espírito Santo de uma nova criatura (2Co 5.17).

Visto que o homem é uma criatura, Deus tem de regenerá-lo – dar-lhe uma nova vida espiritual. Visto, porém, que o homem é também uma pessoa, ele também precisa crer – isto é, em resposta ao evangelho, ele deve fazer uma escolha consciente e pessoal de aceitar Cristo e de o seguir. Regeneração e fé devem sempre ser vistas juntas. É significativo que João

as mantenha juntas em seu evangelho. Após Jesus ter dito a Nicodemos que ninguém poderia ver o reino de Deus a não ser que nascesse de novo (Jo 3.3), também lhe disse que “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (v.16). A regeneração, que é a obra do Espírito Santo, é absolutamente necessária para que alguém possa ver o reino de Deus – mas quando o chamamento do evangelho faz seu apelo ao ouvinte, ele requer fé, a qual envolve uma decisão pessoal. É preciso que Deus regenere e é preciso que o homem creia: as duas coisas devem ser igualmente afirmadas.

A fim de ilustrar esse tema, verifiquemos também o processo de santificação. A santificação pode ser definida como aquela operação do Espírito Santo, a qual envolve a participação responsável do homem, pela qual o Espírito Santo renova a natureza do homem e o capacita a viver para o louvor de Deus. A santificação, portanto, é obra de Deus bem como tarefa do homem. Visto que os seres humanos são criaturas, é preciso que Deus, na pessoa do Espírito Santo, os santifique; visto que eles são também pessoas, precisam estar responsabilmente envolvidos em sua santificação, “aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2Co 7.1).

Neste contexto, as surpreendentes palavras de Paulo em Filipenses 2.12,13 merecem destaque: “Desenvolvi a vossa salvação com tremor e temor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. A palavra traduzida como “desenvolvi”, *katergazesthe*, é usada nos papiros dos primeiros séculos do cristianismo geralmente para descrever as atividades de um fazendeiro ao cultivar a sua terra.⁵ *Desenvolvam a sua salvação* significa, portanto, *cultivem* a salvação que Deus lhes deu; *desenvolvam* o que Deus tem *realizado* em vocês; apliquem a salvação que vocês receberam a cada área de suas vidas – trabalho, recreação, família, vida, cultura, arte, ciência, etc. Em outras palavras, Paulo está dizendo a seus leitores que participem ativamente no progresso de sua santificação. “Porque”, continua ele, “Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar.” Querer e realizar designam tudo o que pensamos ou fazemos. É Deus, portanto, quem está efetuando continuamente em nós todo o processo de santificação: tanto o querer como o realizar. Quanto mais esforçadamente trabalhamos, mais certos podemos estar de que Deus está operando em nós. Em nossa santificação, Deus age conosco tanto como pessoas quanto como criaturas.

5. J. H. Moulton e G. Milligan, *The Vocabulary of the Greek Testament Illustrated from the Papyri* (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), p.335,336.

O mesmo princípio vale para a doutrina da perseverança dos santos. Visto que somos criaturas, é preciso que Deus nos preserve e nos guarde leais a ele. A Bíblia ensina claramente isso (ver, por exemplo, Jo 10.27,28; Rm 8.38,39; Hb 7.25; 1Pe 1.3-5; Jd 24). Mas não devemos perder de vista o outro lado do paradoxo: os crentes devem perseverar na fé (Mt 10.22; 1Co 16.13; Hb 3.14; Ap 3.11). Não é uma questão de preservação *ou* perseverança. Porque somos criaturas, é preciso que Deus nos preserve ou certamente pereceremos. Mas porque somos também pessoas, Deus nos preserva capacitando-nos a perseverar.

Há, todavia, ainda outras implicações do conceito criatura-pessoa para nossa teologia. A Escritura ensina que Deus salva o homem colocando-o em um relacionamento de pacto com ele. Visto que Deus é o criador e o homem é criatura, é óbvio que Deus deve tomar a iniciativa de colocar seu povo nessa relação pactual – razão pela qual dizemos que o pacto da graça é unilateral em sua origem. Mas visto que o homem é uma pessoa, ele tem responsabilidades neste pacto, devendo cumprir suas obrigações pactuais – daí dizermos que o pacto da graça é bilateral em seu cumprimento.

Além disso, a compreensão do ser humano como uma pessoa criada ajuda-nos a responder a questão muito debatida quanto ao pacto da graça ser condicional ou incondicional. Porque o ser humano é uma criatura, o pacto é incondicional em sua origem; Deus estabelece graciosamente seu pacto com seu povo à parte de quaisquer condições que eles devam cumprir. Mas visto que o homem é também uma pessoa, Deus requer que seu povo cumpra certas condições para que desfrutem as bênçãos do pacto. Mas as pessoas podem cumprir essas condições apenas mediante o poder capacitador de Deus. No pacto da graça, portanto, estão igualmente em foco a graça soberana de Deus e a grande responsabilidade do homem. Por essa razão, a Bíblia contém tanto promessas pactuais como ameaças pactuais, devendo nós fazer plena justiça a ambas.

Outro importante conceito teológico é o da imagem de Deus. Nos próximos capítulos, tratarei deste conceito mais detalhadamente. Assim, posso ser breve agora. Por causa de sua queda em pecado, o homem, em um sentido específico, perdeu a imagem de Deus (alguns teólogos chamam este sentido de o estrito ou funcional). Em vez de servir e obedecer a Deus, o homem está agora separado de Deus; ele é “homem em revolta”. Na obra da redenção, Deus restaura graciosamente sua imagem no homem, tornando-o uma vez mais igual a Deus em seu amor, fidelidade e disposição para servir aos outros. Porque os seres humanos são criaturas, Deus deve restaurá-los à sua imagem – esta é uma obra da graça soberana. Mas porque são também

pessoas, eles têm uma responsabilidade nesta restauração – por isso Paulo pôde dizer aos efésios: “Sede, pois, imitadores de Deus” (5.1).

Já foi dito o suficiente para mostrar que o entendimento do homem como uma pessoa criada é tão importante quanto relevante. Teólogos como eu, que se encontram na tradição reformada ou calvinista, têm geralmente enfatizado, no homem, o aspecto relacionado ao ser criatura (sua total dependência de Deus) e, portanto, a total soberania de Deus em cada área da vida, particularmente na obra de salvar o seu povo dos pecados deles. Teólogos arminianos, por outro lado, geralmente colocam toda a ênfase na individualidade pessoal do homem. Por isso, quando falam do processo de salvação, eles enfatizam a importância da decisão voluntária do homem e da contínua fidelidade a Deus. Manter em mente este paradoxo – o fato de que o homem é igualmente uma criatura e uma pessoa –, ajuda-nos a fazer plena justiça tanto à soberania de Deus como à responsabilidade do homem. Aqueles de nós que se encontram na tradição reformada não devem negligenciar ou negar a responsabilidade do homem; aqueles que se encontram na tradição arminiana não deveriam esquecer ou negar a total soberania de Deus.